



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO

O ENSAIO E A REDAÇÃO MODELO ENEM: experiências, formas e pressões

ENDREW FURTADO LOBO

RIO DE JANEIRO

JULHO DE 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO

O ENSAIO E A REDAÇÃO MODELO ENEM; EXPERIÊNCIAS, FORMAS E PRESSÕES

ENDREW FURTADO LOBO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharelado em Letras, realizado sob orientação do Professor Doutor Gustavo Naves Franco.

RIO DE JANEIRO

JULHO DE 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO

O ensaio e a redação modelo ENEM; experiências, formas e pressões

por

Andrew Furtado Lobo

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Gustavo Naves Franco

Membro da banca

Profa. Dra. Luciana Vilhena

RIO DE JANEIRO

JULHO DE 2023

À classe operária, às professoras e professores que pude e poderei coexistir em sala de aula e ser aprendiz, à fauna e flora e à amizade.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha mãe, Esmeralda, minha tia, Iolanda e minha avó/mãe, Ângela, pelo amor, cuidado, incentivo, pelos ensinamentos e por sempre me mostrarem que a educação é transformadora. Ao meu primo e irmão, Ricardo, pelas brincadeiras, aventuras e companheirismo e aos meus tios, Paulo, Tenório, Jacob, e Círio [*in memoriam*] pelo apoio e experiências em ocasiões importantes de mudanças.

Agradeço ao corpo docente e técnico do curso de letras da Unirio por tornarem a graduação um espaço receptivo, amigável, humano e de ampliação do conhecimento da linguagem, em especial ao professor Gustavo Naves Franco pela orientação nos anos de iniciação científica e de TCC, pela amizade, pelas conversas e risadas. Muito obrigado!

Obrigado professora Luciana Vilhena pelos compartilhamentos em sala de aula e por ter aceitado o convite para a banca examinadora deste trabalho. Obrigado William Garcia e Bruno Brick pelas conversas com café e atendimento atencioso as minhas dúvidas burocráticas.

Agradeço aos meus melhores amigos Kaio Bittencourt e Henry Lucas pelas aventuras revolucionárias, conversas, risadas infinitas, abraços, cuidados e apoio que de todo modo reverberam neste trabalho.

Por fim e não menos importante, quero agradecer aos meus amigos, amigas de turma e curso, Rafaela Giordano, Dora Lutz, Luiz Carlos, Ayrton Nepomuceno, Fátima Dias, Fernanda Fraga, Marcio Pereira, Maria Clara, Nívea Rios, Daniel Grimoni, Vicente Pessôa, Milena, Leo Medeiros, Denicio Martins, Bruna Carolina, Bruno Martins, Júlia Griep, Luiza Gargano, Carol Logello, Diogo D'Ippolito, Marcelo Betz, Danilo Abrantes, Luiza Luz, Laura Miranda, João Lucas Pedrosa, Deborah Croharé, Daniella Santos, Fernando Magalhães, Raissa Miranda, Tônia, Daniel Martins, Lucas, Gabriel da Silveira, Pablo Henrique, JP Thomé, Gabriela, Vitória Porto, Marina Kemper, Pedro H. Pereira, Beatriz Pôssa, Nicolas Tuttman e Thainá Marinho. Muito obrigado pela companhia, carinho, conversas, abraços, festas e trabalhos em grupo ao longo da minha trajetória universitária até aqui.

RESUMO

A partir dos pensamentos em torno do ensaio, do recorte da experiência brasileira do ingresso no ensino superior público, em parte, através da redação modelo ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e junto a um relato pessoal serão analisados os aspectos díspares e próximos entre esses textos e suas configurações no país. Diante disso, possibilitarão imaginar as mudanças na relação dos leitores e escritores que teriam contato com essas modulações textuais se o ensaio fosse pensado como essência presente na redação em contrapartida às exigências estruturais específicas do ENEM que possibilitam a aprovação no processo avaliativo para a entrada na universidade pública.

PALAVRAS CHAVES

Ensaio. Escola. Experiência. Redação. Universidade.

ABSTRACT

Based on the thoughts around the essay, on the Brazilian experience of entering public higher education, in part, through the ENEM (National High School Examination) essay and together with a personal report, the disparate and similar aspects between these texts and their settings in the country. In view of this, it will make it possible to imagine the changes in the relationship between readers and writers who would have contact with these textual modulations if the essay were thought of as an essence present in the essay, in contrast to the specific structural requirements of the ENEM that make it possible to pass the evaluation process for entering the university.

PALAVRAS-CHAVE EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Test. Experience. Essay. School. University.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
2 Ensaio	11
2.1 Ensaio no Brasil	15
3 A redação modelo Enem	18
3.1 Experiências, formas e pressões.....	24
4 Conclusão	31
5 Referências bibliográficas	32

1 Introdução

O ensaio é um gênero literário que permite ao escritor explorar e desenvolver suas ideias de maneira livre e pessoal. É um texto argumentativo que apresenta a opinião do/a autor/a sobre um determinado assunto e é construído a partir de reflexões, observações e experiências pessoais. O ensaio se caracteriza pela sua forma flexível, criativa e original, que não se submete a regras rígidas ou modelos fixos. O ensaio pode abordar temas variados, desde questões filosóficas, políticas, sociais, artísticas, científicas, entre outras, e pode utilizar diferentes recursos estilísticos, como ironia, humor, metáforas, citações, etc.

No Brasil, o ingresso no ensino superior público é realizado em parte através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que inclui uma redação como parte da avaliação. Essa redação é avaliada com base em critérios específicos e deve seguir um modelo pré-estabelecido. Esse modelo textual tem características que impedem imaginar e praticar a redação com aspectos ensaísticos. A redação do ENEM exige que o/a candidato/a produza um texto dissertativo-argumentativo sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política, seguindo uma estrutura padrão: introdução, desenvolvimento e conclusão sob cinco critérios de avaliação: domínio da norma culta, compreensão da proposta, seleção e organização das informações, demonstração de conhecimento dos mecanismos linguísticos e elaboração de uma proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos e a coesão e coerência textual. Cada um desses critérios vale 200 pontos, totalizando 1000 pontos na redação.

Com isso, proponho uma reflexão sobre as diferenças e semelhanças entre o ensaio e a redação do ENEM, bem como as possibilidades e limites de cada um desses gêneros textuais. Busco compreender como o ensaio pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da expressão pessoal dos/as estudantes, bem como os desafios e as dificuldades de se produzir um texto ensaístico em um contexto educacional marcado pela padronização e pela avaliação. Para isso, realizei uma revisão bibliográfica sobre o conceito e a história do ensaio até sua chegada

no Brasil e um resumo do surgimento do ENEM e suas configurações no país. Diante disso, procurei verificar a circulação do ensaio e da redação, suas características estruturais e conceituais, a relação distinta entre autores desses dois modelos e como nosso aspecto social histórico pode ter interferência em uma perspectiva da redação como ensaio.

Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar como a redação modelo ENEM se distancia das características essenciais do gênero ensaístico, tais como a subjetividade, pessoalidade, liberdade e forma flexível. Para isso, serão examinados os cinco critérios eliminatórios da redação modelo ENEM, que, em certa medida, restringem a liberdade de expressão e criatividade dos candidatos quando comparados com as propostas de autores consagrados do ensaio, como Alexandre Eulalio, Cynthia Ozick, Montaigne, Bacon entre outros. A hipótese defendida é que a redação modelo ENEM não favorece o desenvolvimento de uma escrita prazerosa e reflexiva, mas sim de uma escrita padronizada e superficial, que não contribui para a formação crítica e cidadã dos estudantes.

2 Ensaio

O termo ensaio foi utilizado pela primeira vez no século XVI pelo filósofo e humanista francês Michel de Montaigne (1533-1592) com a publicação de sua obra “Les Essais” (Os Ensaaios), em 1580. Montaigne, assim intitulou sua publicação porque pretendia que fosse algo leve, algo como um esboço de literatura, meros pareceres informais. O ensaio também ganhou espaço em Londres, com Rei James I, cuja sua primeira escrita ensaística publicada ocorre em 1584, intitulada Ensaaios de Um Aprendiz (*Essays of a Prentise*). Mas é apenas em 1597, 13 anos mais tarde, com os ensaios de Francis Bacon, que há início de uma tradição da escrita do ensaio inglês (Sullivan, [2014] 2018, p. 30, 32).

Nesse primeiro momento da existência do ensaio não há como defini-lo, mas sua profunda característica de experimentação surge simultaneamente. Até mesmo o termo ensaísta, designado a quem se dedica a essa escrita, demorou a surgir, estimulado apenas quando chega na Inglaterra. (Sullivan, [2014] 2018, p. 29). E para pensar essas questões, a reunião de doze ensaios na antologia organizada por Paulo Roberto Pires faz um percurso que se inicia com um panorama histórico em torno do ensaio até uma análise mais intensa da sua linguagem inerente a sua forma. Mostrando que, ao longo de uma linha temporal, o ensaio foi absorvendo variadas definições, permanecendo sempre aberto a receber novas perspectivas.

Sendo assim, ambos aspectos se misturam em cada ensaio, macro visão histórica e detalhes das definições acerca desse gênero. Starobinsk, autor escolhido para o ensaio de abertura, evidencia uma preocupação com as características mais defensivas desse gênero, que no início de sua existência estava, em muitos momentos, sendo atacado e repellido.

Nota-se que uma suspeita de superficialidade pespegou-se ao ensaio. Até Montaigne oferece armas aos detratores do ensaio. Ironiza, ou finge ironizar, o próprio livro [...]. Os eruditos de fato lhe voltaram o rosto, ou melhor: fizeram questão de demarcar a diferença dos gêneros e defender um profissionalismo do saber [...] (Starobinsk, [1982] 2018., p. 15).

Isto é, ser ensaísta nesse período era saber que não seria levado a sério pelos intelectuais da época, sobretudo os da academia.

Além disso, ele apresenta a origem etimológica da palavra ensaio, cuja origem vem do latim tardio *exagium*, que significa “balança”; “ensaiar”; “pesagem exigente”. Esse primeiro momento de rejeição já foi superado, já que o ensaio é parte comum das experiências acadêmicas atuais, porém sua nomenclatura não se desprende totalmente desse berço linguístico, pois há um equilíbrio entre objetividade e subjetividade na linguagem ensaística, que se estabelece em “pensar com as mãos”. Sendo assim, algo que merece atenção, como ele mesmo aponta; “embora o que importe seja a eficácia atual que podemos atribuir ao ensaio, [...] não é inútil lançar um olhar retrospectivo [...]” (Starobinsk, [1982] 2018., p. 17).

Há também o ensaio como experimento empírico dos objetos da vida cotidiana, que ensaia a si mesmo diante da sua realidade, como um exercício de reflexão sem uma busca por um rigor estético, seja da linguagem ou da verdade, “O ensaio é gênero mais livre que há”. Max Bense, em seu ensaio intitulado “O ensaio e sua prosa”, o sétimo dessa organização, teoriza, principalmente, sobre a diferença entre o poeta, o escritor e o ensaísta, ou ainda sobre a dimensão do experimento através da prosa presente no ensaio. Enquanto o poeta tenta tocar a poesia para permitir a presença ou a destruição do ser, o escritor tenta trazer o ser para um lugar menos extremo.

[...] O escritor, por obra de suas convicções, tenta manipular a essência do ser, tenta fazer valer o espírito concreto que ele representa. [...] O escritor se volta para um espaço mais limitado e pacífico que o poeta, mas nem por isso seu olhar é de comunhão ou meditação, ao contrário: ele é seletivo, imperativo, destrutivo, construtivo, inquieto (Bense, [1947] 2018, p. 112).

Ele faz essa comparação para nos dizer que o ensaio é intermediário entre esses dois, absorvendo aspectos de ambos. Uma literatura em que a escrita não perde de vista a poesia nem a convicção ética do/a escritor/a.

O ensaio é expressão do modo experimental de pensar e agir, mas é igualmente daquela atividade do espírito que tenta conferir contorno preciso a um objeto, dar-lhe realidade e ser [*Sein*]. Nem os objetos nem os

pensamentos a seu respeito se dão em âmbito eterno ou absoluto uns e outros se mostram como objetos relativos e pensamentos relativos [...] o ensaio prepara substratos, ideias, sentimentos e formas de expressão que algum dia virão a se tornar prosa ou poesia, convicção ou criação (Bense, [1947] 2018, p. 115).

Ele vai dizer, além disso, que o ensaio independe do conteúdo dos seus objetos. O que se afirma mais profundamente no ensaio de César Aira, “o ensaio e seu tema”, mas falarei disso mais adiante. Ainda em Bense, é interessante como ele elabora uma extensão científica do ensaio. Embora, para alguns, o ensaio não pode ser científico, para outros grandes cientistas é perfeitamente possível.

Max Weber, uma das últimas grandes cabeças científicas a cultivar o grande estilo, deu-nos dois exemplos desse ensaísmo de espírito científico em suas conferências sobre a “Política como vocação” e a “Ciência como vocação”. Da mesma forma, os ensaios de Werner Heisenberg sobre “O desenvolvimento da mecânica quântica” e “As transformações dos fundamentos das ciências naturais” são exemplos modelares da prosa científica em alemão (Bense, [1947] 2018, p.120).

No entanto, não é exposta a diferença entre ensaio não-científico e científico porque a própria ideia de reflexão, experimentação das ideias numa tentativa, já pressupõe um modo de ciência, talvez um outro modelo científico.

O ensaísmo espiritual aborda um tema estranho ao âmbito científico; a reflexão, muitas vezes digressiva, intuitiva e irracional, não deixa de ter clareza, mas essa não é a clareza da definição conceitual, e sim a de um olhar que atravessa o espaço poético ou intelectual em pauta (Bense, [1947] 2018, p. 120).

Uma ciência particular diante das coisas do mundo, “o calor do ensaio é interior”, um processo de pré-ciência, uma preparação para o modelo clássico de análise científica e, ao mesmo tempo, pós-ciência, o resultado pelo qual tudo pode ser explicado, desde uma teoria einsteiniana à poesia de Drummond. “O ensaio pode ser produto tanto do

intelecto quanto da memória, do espírito leve ou sombrio, do bem-estar ou do desprazer” (Ozick, [2000] 2018, p. 225, 231).

No ensaio “Retrato do ensaio como corpo de mulher”, Cynthia Ozick afirma que ninguém é mais livre que o/a ensaísta, o que deixa a porta sempre aberta para o ensaio, isto é, sem a busca por um esgotamento do seu tema. Mas a grande busca por ela aqui é o pensamento mais artístico. Também reflexivo, que não é uma abstração, mas que requer devaneios, “entorno civilizado”, no qual pode ser entendido como técnica de escrita. Desse modo, há uma linha tênue entre pensamento e forma, que no final criaria um objeto “sólido e singular” ([2000] 2018, p. 230, 232).

Objeto que é um pouco diferente do apresentado por César Aira, em que o momento de ouro das humanidades nos anos 70, com a estratégia A e B, que são títulos duplos, por exemplo, capitalismo e psicanálise, possibilitou dar um tom mais científico para o ensaio, mas que também era um modo de estabelecer tanto um objeto mais ou menos concreto e depois um objeto subjetivo ([2000] 2018, p. 236).

Há 30 ou 40 anos, esses títulos duplos correspondiam a uma circunstância histórica precisa. Fosse qual fosse o tema sobre o qual se quisesse discorrer, era necessário remetê-lo imediatamente a outro, porque a Revolução, que era o nosso horizonte, era isto: a passagem de um termo para outro, por obra de uma conjunção audaz (Aira, [2017] 2018, p 236).

O ensaio se deu muito bem nesse momento, pois sua essência combinatória se utilizou dessa estratégia para anular o eu ensaísta e a ideia de originalidade, assim, evidenciando sua metamorfose, fazendo com que o ensaísta pudesse manter certa distância desse objeto. Dessa forma, o ensaio era escrito antes mesmo de ir para as páginas, já que ao desejar escrever a partir de dois temas sua escrita já se iniciava.

O ensaio é a obra literária que se escreve antes de ser escrita, quando se encontra o tema. E esse encontro se dá no interior de uma combinatória: não é o encontro de um autor com um tema, mas de dois temas entre si. [...] Por mais inócua que pareça, tal operação é radicalmente subversiva, porque o interesse se define por seu isolamento obsessivo, por ser único e não admitir concorrência. Na origem dessa subversão, está a origem da arte de fazer ou de pensar. Daí se poderia deduzir uma receita para fazer literatura. Se eu escrevo sobre corrupção, pode ser jornalismo ou sermão; se adiciono um

segundo item, digamos arqueologia ou artrite, tem alguma possibilidade de ser literatura (Aira, [2017] 2018 p 237).

2.1 Ensaio no Brasil

No Brasil, o ensaio chegou no século XIX com a influência dos movimentos literários europeus, especialmente o romantismo e o realismo. É estabelecido primeiro nas poucas universidades do país desse período e depois com maior intensidade por meio dos primeiros jornais, principalmente, através dos folhetins¹.

A instauração, às vésperas da Independência, do processo do jornalismo político e participante, que se organiza, em plano inclinado, com intuito nitidamente orientador da opinião pública e partidária, fora precedida por inquietude espiritual de definida expressão ideológica. Todo o período que vai de 1808 a 1821 é uma espécie de ciclo preparatório em que, com a indispensável licença régia, ensaiamos as nossas forças para um futuro (Eulalio, [1963] 2018, p. 150).

Nesse cenário, os primeiros ensaístas brasileiros foram escritores como José de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha, que abordaram temas como a identidade nacional, a cultura, a política e a história do país. O ensaio se consolidou como um gênero importante na literatura e na crítica brasileira, tendo como expoentes autores como Lima Barreto, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, entre outros (Eulalio, [1963] 2018, p. 168, 200).

O público leitor dos primeiros ensaios brasileiros era formado, principalmente, por intelectuais, jornalistas e estudantes, que buscavam compreender e discutir os problemas e as transformações da sociedade brasileira. Assim, o ensaio contribuiu para a formação de uma consciência crítica e de uma identidade cultural no Brasil. Por outro lado, temos o lugar em que a dominação intelectual e física diante do outro eleva a

¹ Irresistível pela fascinação que exerce sobre a fantasia dos leitores, o folhetim havia-se constituído numa prática agradável a de modo algum se furtam os intelectuais de então. EULALIO, [1963] 2018, p. 165. O termo **folhetim** é de origem francesa *le feuilleton* e designa o que se chama de rodapé. Os jornais, e posteriormente as revistas, ofereciam o espaço do rodapé para que fossem publicados textos para o entretenimento dos leitores como charadas, receitas culinárias, crítica literária, textos de ficção publicados em capítulos, dentre outros.

inalcançáveis braços o ensaio, pois toda essa produção exercia a circulação do pensamento escrito dentro da sociedade escravocrata que era, alheia aos interesses da parte explorada.

O Brasil é o país que por mais tempo e em maior quantidade recebeu pessoas escravizadas vindas da África. Aproximadamente 40% de todos os escravos africanos que deram entrada em portos do Novo Mundo foram trazidos para o nosso país. Desse total, uma ampla maioria embarcou em cidades de litoral da atual Angola. Segundo o historiador Philip Curtin, o Brasil recebeu 1.685.200 escravos no século XVIII, dos quais 550.600 vindos da costa de Mina e 1.134.600 de Angola. O tráfico angolano abastecia principalmente o porto do Rio de Janeiro, e, em segunda escala, Bahia e Pernambuco. As capitanias de Pernambuco, Maranhão e Pará detinham 20% do tráfico de escravos de Angola no fim do século XVIII e começo do XIX (Lima, 2009, p. 12).

Com esse contexto, a leitura era restrita a uma elite branca, formada por comerciantes, fazendeiros, burocratas e religiosos, que detinham o poder econômico e político na colônia. Consequentemente, a escravidão foi um dos fatores que contribuíram para a disseminação do analfabetismo em relação à língua portuguesa, pois impedia o acesso à educação de pessoas negras e indígenas. Além disso, a elite dominante não tinha interesse em promover a alfabetização das camadas populares, pois isso poderia ameaçar o seu poder e a sua riqueza.

Esse modo de exploração impactava, e ainda impacta, a sociedade brasileira de diversas formas². Desse modo, dificultava a resistência e a emancipação das pessoas escravizadas, que eram privados de conhecer os seus direitos e de se comunicar com outros grupos, assim, impedia a harmonia social e cultural do Brasil, que dependia de uma mão de obra absolutamente desumanizada para se inserir no cenário mundial, cuja ideia de escravidão não remunerada já estava substituída pelo salário. Com isso, o analfabetismo gerava exclusão, desigualdade e violência, pois marginalizava os indivíduos que não sabiam ler e escrever a língua portuguesa desse período e os tornava vulneráveis à exploração e à opressão.

Tendo em vista esses percursos do ensaio, é perceptível a ramificação privilegiada pela qual ele surge, assim como outros textos, porém, esse em particular ocorre pouca

² Segundo dados do IBGE, em 2019, a taxa de analfabetismo entre pessoas pretas ou pardas era de 9,1%, enquanto entre pessoas brancas era de 3,6%. Além disso, a proporção de pessoas pretas ou pardas com ensino superior completo era de apenas 12,8%, enquanto entre pessoas brancas era de 26,1%.

inserção desde a base educacional, diferente, por exemplo, da poesia, do romance, da crônica, que são mais comuns no imaginário social brasileiro do que o ensaio. No Brasil, isso fez com que hoje o ensaio seja pouco conhecido e com maior produção no ensino superior, dessa forma não temos um senso comum das características desse tipo textual.

Diante de tudo isso, a leitura e a escrita são práticas sociais que têm um grande impacto nas relações humanas. Elas permitem o acesso ao conhecimento, a ampliação da imaginação, o exercício do pensamento crítico e a expressão da criatividade. Além disso, a leitura e a escrita são formas de comunicação que possibilitam a estruturação das instituições escolares, a interação entre as classes e a transformação social (Ferreira e Pellegrine, 1999, p. 15). Com essa dupla, o ensaio é um poderoso espaço de liberdade, um texto que absorve esse poder, mas que pode dissolver-se em outros modelos textuais.

Nesse sentido, com a abolição da escravidão e recentes projetos estatais que visaram a alfabetização em massa, foi possível o acesso à educação formal presente em mais lares. No entanto, as defasagens do ensino público faz com que o lugar do texto, da escrita e da leitura ainda não alcancem plenamente as suas possibilidades transformadoras. Assim, o ensaio continua atravessando outros textos sem a claridade dos seus conceitos e praticado com maior frequência na academia. Porém, um dos textos mais populares do país e com maior possibilidade ensaística é a redação modelo Enem.

3 A redação modelo ENEM

O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao final da educação básica. Em 2009, o exame passou a ser usado, também, como mecanismo de acesso à educação superior, por meio de programas como o Sisu, ProUni e Fies.

Teve intenções sociais desde a sua criação, pois visava aferir a qualidade da educação básica no país e fornecer um diagnóstico sobre as áreas de conhecimento avaliadas. Com a ampliação do seu uso para ingresso no ensino superior, o Enem passou a ter uma função de democratização do acesso à educação de nível superior, possibilitando que estudantes de diferentes origens e perfis pudessem concorrer a vagas em universidades públicas e privadas, além de obter bolsas ou financiamentos.

Dessa forma, o Enem é um exame que tem um papel social relevante na educação brasileira, tanto no que se refere à avaliação da educação básica quanto ao acesso à educação superior. O exame é composto por quatro provas objetivas de linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; e matemática e suas tecnologias, além de uma redação dissertativo-argumentativa sobre uma situação-problema.

A redação do Enem é um dos componentes mais importantes e desafiadores da prova, pois exige do/a candidato/a o domínio da norma culta da língua portuguesa, a compreensão da proposta de redação, a aplicação de conceitos das diversas áreas de conhecimento, a seleção e organização de informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista, o conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação e a elaboração de uma proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os valores humanos e a diversidade sociocultural.

Cada competência vale 200 pontos, em que cada nível varia entre 0, 40, 80, 120, 160 e 200, totalizando 1000 pontos na nota final da redação. Conhecer as competências é fundamental para escrever o texto adequadamente à proposta do exame e alcançar uma boa pontuação. Competência 1: Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa. Essa competência verifica se o/a candidato/a segue as normas

gramaticais e ortográficas da língua padrão, evitando erros de sintaxe, concordância, regência, pontuação, acentuação, crase, separação de sílabas etc. Além disso, também avalia se o/a candidato/a usa um vocabulário adequado ao tema, ao gênero textual e o não uso de termos coloquiais, gírias e estrangeirismos.

200 pontos	Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizarem reincidência.
160 pontos	Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.
120 pontos	Demonstra domínio mediano da modalidade escrita formal da língua portuguesa e de escolha de registro, com alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita.
80 pontos	Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da língua portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
40 pontos	Demonstra domínio precário da modalidade escrita formal da língua portuguesa, de forma sistemática, com diversificados e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.
0 ponto	Demonstra desconhecimento da modalidade escrita formal da língua portuguesa.

Fonte: MEC/INEP

<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/otros-documentos>

Competência 2: Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa. Essa competência verifica se o/a vestibulando/a entendeu o tema proposto e os textos motivadores, e se desenvolveu uma tese coerente e consistente sobre o assunto. Também avalia se utilizou conhecimentos de outras áreas (como história, geografia, sociologia, filosofia etc.) para fundamentar seus argumentos e se respeitou os limites do gênero dissertativo-argumentativo, sem fugir do tema ou copiar os textos motivadores.

200 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo.
160 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.
120 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.
80 pontos	Desenvolve o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou apresenta domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo, não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão.
40 pontos	Apresenta o assunto, tangenciando o tema, ou demonstra domínio precário do texto dissertativo-argumentativo, com traços constantes de outros tipos textuais.
0 ponto	Fuga ao tema/não atendimento à estrutura dissertativo-argumentativa. Nestes casos a redação recebe nota zero e é anulada.

Fonte: MEC/INEP

Competência 3: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. Essa competência verifica se o/a candidato/a apresentou argumentos relevantes e convincentes para defender sua tese, selecionando informações pertinentes ao tema e relacionando-as de forma lógica e organizada. Também avalia se o/a estudante interpretou corretamente os dados e fatos utilizados como argumentos, sem distorcer ou falsificar informações.

200 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista.
160 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.
120 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista.
80 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista.
40 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista.
0 ponto	Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista.

Fonte: MEC/INEP

Competência 4: Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação. Essa competência verifica se o/a candidato/a usou adequadamente os recursos coesivos (como pronomes, conjunções, advérbios etc.) para estabelecer a conexão entre as partes do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão) e entre as ideias apresentadas. Também avalia se o candidato empregou os operadores argumentativos (como, portanto, logo, porém, contudo etc.) para marcar sua posição diante dos argumentos e das contradições.

200 pontos	Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
160 pontos	Articula as partes do texto, com poucas inadequações, e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
120 pontos	Articula as partes do texto, de forma mediana, com inadequações, e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos.
80 pontos	Articula as partes do texto, de forma insuficiente, com muitas inadequações e apresenta repertório limitado de recursos coesivos.
40 pontos	Articula as partes do texto de forma precária.
0 ponto	Não articula as informações.

Fonte: MEC/INEP

Competência 5: Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos. Essa competência verifica se o/a candidato/a propôs uma solução para o problema discutido no texto, considerando suas causas e consequências. A proposta de intervenção deve ser detalhada e viável, indicando quem são os agentes responsáveis pela ação (como governo, sociedade civil, empresas etc.), qual é a ação a ser realizada (como campanhas, leis, projetos etc.), o meio pelo qual essa ação será executada (mídias, escolas, universidades, locais públicos etc.) e qual é o objetivo ou o benefício esperado com essa ação. Além disso, a proposta deve respeitar os direitos humanos e os valores democráticos, sem incitar violência ou discriminação.

200 pontos	Elabora muito bem proposta de intervenção, detalhada, relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
160 pontos	Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
120 pontos	Elabora, de forma mediana, proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.
80 pontos	Elabora, de forma insuficiente, proposta de intervenção relacionada ao tema, ou não articulada com a discussão desenvolvida no texto.
40 pontos	Apresenta proposta de intervenção vaga, precária ou relacionada apenas ao assunto.
0 ponto	Não apresenta proposta de intervenção ou apresenta proposta não relacionada ao tema ou ao assunto.

Fonte: MEC/INEP

Para orientar os alunos, o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), divulga anualmente esses critérios de correção da redação com objetivo de esclarecer aos candidatos como será avaliada a sua capacidade de expressão escrita, bem como os aspectos que devem ser considerados na elaboração do texto. No entanto, ainda que a meta desses parâmetros seja a justiça na correção diante do volume elevado de redações, esses critérios, também, podem gerar uma certa padronização dos textos, uma vez que criam uma grade de requisitos a serem atendidos para que o texto seja considerado bom. Nesse sentido, é preciso refletir sobre os benefícios e os limites dos critérios de correção da redação do Enem, bem como sobre as possibilidades de inovação e criatividade dentro desse modelo.

O ensaio e a redação modelo Enem são dois tipos de produção textual que apresentam diferenças e semelhanças entre si. Ambos são textos dissertativos, ou seja, que expõem uma tese e a defendem com argumentos, dessa forma, essas competências já estão intrínsecas tanto no exercício ensaístico, quanto no da redação, exceto pela 5ª competência, cuja conclusão solucionadora não se aplica no ensaio, pois visa explorar um tema ou uma questão de forma mais reflexiva, sem a pretensão de apresentar uma resposta definitiva ou uma solução pronta.

É comum no ensaio, assim como na redação, a diversificação do pensamento do leitor/a e do/a autor/a, estimulado pelo debate e a argumentação, abordando diversos assuntos, desde questões filosóficas, políticas, sociais, culturais, artísticas, científicas,

entre outras. Contudo, o ensaio não segue um modelo ou uma estrutura fixa, mas, geralmente, possui uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. A introdução apresenta o tema ou a questão central do texto, contextualizando-o e delimitando-o. O desenvolvimento expõe as ideias e os argumentos do autor sobre o tema ou a questão, apoiando-se em fontes relevantes. A conclusão retoma a tese do/a autor/a e sintetiza as principais ideias do texto, sem fechar o assunto ou propor uma solução definitiva.

Nesse sentido, pensar a redação como ensaio, com sua forma mais livre, pode proporcionar uma maior valorização no conteúdo, pois permite ao/a autor/a explorar suas ideias, opiniões e sentimentos sobre um assunto de seu interesse, sem se restringir a uma estrutura pré-definida ou a uma visão única. O ensaio também favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico, da capacidade de análise e da criatividade, pois estimula o/a autor/a a questionar, comparar, contrastar e exemplificar seus argumentos.

Destarte, é possível afirmar que as competências da redação do Enem podem influenciar os estudantes a priorizarem a forma do texto ao invés do conteúdo, pois eles podem se preocupar mais em atender aos critérios de correção do que desenvolver um pensamento crítico e criativo sobre o tema, o que pode comprometer a qualidade e a originalidade das produções textuais. Além disso, a proposta de redação do Enem costuma apresentar um recorte temático específico e delimitado, que pode limitar o espaço para a expressão pessoal e a abordagem de diferentes perspectivas. Por outro lado, o ensaio com sua forma mais livre pode proporcionar uma maior valorização no conteúdo, pois oferece ao autor maior liberdade e autonomia para expressar seu pensamento sobre um tema relevante para si e para a sociedade.

3.1 Experiências, formas e pressões

Trabalhando como corretor de redações modelo ENEM, é perceptível como o/a escritor/a se esforça muito mais para atender sequencialmente as competências 1, 2, 3, 4 e 5 do que um passeio reflexivo sobre o tema proposto. Quando o texto é ocupado desse primeiro aspecto a correção é menos complicada, pois a adequação aos critérios exigem apenas elogios e nota máxima. Na introdução, verifico que há o uso do repertório produtivo, isto é, está pertinente e bem relacionado ao tema proposto. Nesse aspecto, não é raro a presença de um mesmo repertório em redações diferentes, uma citação famosa de um/a pensador/a reconhecido/a, um filme ou série, um trecho de um livro que talvez jamais tenha sido lido na fonte original, mas cujo recorte é exaustivamente recomendado como repertório, pois se adequa a praticamente qualquer assunto.

Em seguida, ainda no parágrafo introdutório, encontro os termos que remetem ao título do tema por meio de sinônimos, hipônimos e/ou hiperônimos, dessa forma o/a aluno/a ratifica sua compreensão do recorte temático. Após isso, a tese, indicando quais questões acerca da proposta serão defendidas e desenvolvidas nos parágrafos seguintes. Simultaneamente, observando a adequação gramatical e os recursos coesivos, vou notando o bom encadeamento de ideias dos dois parágrafos de desenvolvimento. No início do primeiro, a presença marcante de conectivos como “sob esse viés”, “diante disso”, “sob essa perspectiva”, “nesse contexto” etc. Na passagem para o segundo, “além disso”, “outrossim”, “por outro lado”, “entretanto” e assim por diante.

Percebo a boa organização dos argumentos, tópico frasal, sinais de autoria com palavras de indignação ou afirmação, dados estatísticos, notícias ou citações que comprovam o ponto de vista do/a argumentador/a. Por fim, o parágrafo de fechamento, iniciado com conectivo conclusivo, seguido da retomada da tese para, assim, propor uma intervenção resolutiva que esteja vinculado ao tema e aos argumentos apresentados ao longo do texto, indicando o agente, a ação, o meio, o efeito e o detalhamento de um desses elementos. Esses critérios são claros tanto para os candidatos e candidatas quanto para corretores/as, entretanto, há uma grade específica para professoras e professores para tentar padronizar o máximo possível o método de avaliação para que não ocorram injustiças nas notas.

GRADE ESPECÍFICA - COMPETÊNCIAS

COMPETÊNCIA I – Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa			
0	Estrutura sintática inexistente (independentemente da quantidade de desvios)		
1	Estrutura sintática deficitária com muitos desvios		
2	Estrutura sintática deficitária OU muitos desvios		
3	Estrutura sintática regular E alguns desvios		
4	Estrutura sintática boa E poucos desvios		
5	Estrutura sintática excelente (no máximo, uma falha) E , no máximo, dois desvios		
COMPETÊNCIA II – Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa			
1	Tangência ao tema	OU	<ul style="list-style-type: none"> • Texto composto por aglomerado de palavras OU • Traços constantes de outros tipos textuais
2	Abordagem completa do tema	E	<ul style="list-style-type: none"> • 3 partes do texto (2 delas embrionárias) OU • Conclusão finalizada por frase incompleta
			Textos que apresentam muitos trechos de cópias dos textos motivadores não devem ultrapassar esse nível
3	Abordagem completa do tema	E	<ul style="list-style-type: none"> • 3 partes do texto (1 delas pode ser embrionária)
		E	<ul style="list-style-type: none"> • Repertório baseado nos textos motivadores E/OU • Repertório não legitimado E/OU • Repertório legitimado, MAS não pertinente ao tema
4	Abordagem completa do tema	E	<ul style="list-style-type: none"> • 3 partes do texto (nenhuma delas embrionária)
		E	Repertório legitimado E pertinente ao tema, SEM uso produtivo
5	Abordagem completa do tema	E	<ul style="list-style-type: none"> • 3 partes do texto (nenhuma delas embrionária)
		E	Repertório legitimado E pertinente ao tema, COM uso produtivo
COMPETÊNCIA III – Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista			
0	Tangente ao tema e sem direção		
1	<ul style="list-style-type: none"> • Tangente ao tema e com direção OU • Abordagem completa do tema e sem direção 		
2	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto de texto com muitas falhas E • Sem desenvolvimento ou com desenvolvimento de apenas uma informação, fato ou opinião 		Textos que apresentam contradição grave não devem ultrapassar este nível
3	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto de texto com algumas falhas E • Desenvolvimento de algumas informações, fatos e opiniões 		
4	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto de texto com poucas falhas E • Desenvolvimento da maior parte das informações, fatos e opiniões 		
5	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto de texto estratégico E • Desenvolvimento das informações, fatos e opiniões em todo o texto 		Aqui se admitem deslizes pontuais, sejam de projeto e/ou de desenvolvimento
COMPETÊNCIA IV – Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação			
0	Palavras e períodos justapostos desconexos ao longo de todo o texto, o que demonstra ausência de articulação		
1	Presença rara de elementos coesivos inter e/ou intraparágrafos E/OU excessivas repetições E/OU excessivas inadequações		
2	<ul style="list-style-type: none"> • Presença pontual de elementos coesivos inter e/ou intraparágrafos E/OU muitas repetições E/OU muitas inadequações 		Textos em forma de monobloco não devem ultrapassar este nível
3	Presença regular de elementos coesivos inter e/ou intraparágrafos E/OU algumas repetições E/OU algumas inadequações		
4	<ul style="list-style-type: none"> • Presença constante de elementos coesivos inter* e intraparágrafo E/OU poucas repetições E/OU poucas inadequações • *De tipo "operador argumentativo", entre parágrafos em, pelo menos, 01 momento do texto. 		
5	<ul style="list-style-type: none"> • Presença expressiva de elementos coesivos inter** e intraparágrafos** E raras ou ausentes repetições E sem inadequação • ** De tipo "operador argumentativo", entre parágrafos em, pelo menos, 02 momentos do texto e, pelo menos, 01 elemento coesivo dentro de todos os parágrafos. 		
COMPETÊNCIA V – Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos			
	Elementos: AÇÃO + AGENTE + MODO/MEIO + EFEITO + DETALHAMENTO		
0	<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de proposta OU • Proposta de intervenção que desrespeita os direitos humanos OU • Proposta de intervenção não relacionada sequer ao assunto 		
1	<ul style="list-style-type: none"> • Tangenciamento do tema OU • Apenas elemento(s) nulo(s) OU • 1 elemento válido 		
2	2 elementos válidos		Estruturas condicionais com 2 ou mais elementos válidos não devem ultrapassar esse nível
3	3 elementos válidos		
4	4 elementos válidos		
5	5 elementos válidos		

Essa grade específica é direcionada somente a corretores e corretoras, desse modo, há algumas diferenças descritivas em relação aos exemplos entre as páginas 19 e 22, sobretudo, na 5ª competência, cuja justificativa para cada nota passa a ser apenas a indicação da quantidade de elementos que o/a candidato/a precisa estabelecer para alcançar a nota máxima desse nível. Esse formato, talvez mais simples e/ou objetivo, surge, também, para que o tempo de 3 a 5 minutos para cada correção seja alcançado por corretores/as oficiais do Enem³. Isso pode ilustrar que para quem corrige fica ainda mais evidente a estrutura rígida para a definição da nota em cada competência.

Outra base de formato é a quantidade de linhas. Não há uma definição fixa da quantidade de parágrafos, mas há o número mínimo de 7 e o máximo de 30 linhas. Nesse aspecto, cristalizou-se dividir a redação em quatro partes. Usualmente, a construção ideal varia entre 27 e 30 linhas, como neste exemplo estrutural.

(CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA A PARTIR DE UMA REPERTÓRIO PERTINENTE E PROTIVO) TEXTO **(APRESENTAÇÃO DO RECORTE TEMÁTICO)** TEXTO. **(TESE COM INDICAÇÃO DAS QUESTÕES ACERCA DO TEMA PARA CADA PARÁGRAFO DE DESENVOLVIMENTO)** TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO.

CONECTIVO, TEXTO **(TÓPICO FRASAL)** TEXTO. TEXTO. **(FECHAMENTO DO ARGUMENTO)** TEXTO

³ Corretores das redações do Enem são contratados pela Fundação Getulio Vargas (FGV), que junto com a Cesgranrio formam o consórcio que aplica as provas. Há uma meta mínima de 100 redações por dia, número que pode chegar até 200 dependendo do desempenho do/a corretor/a.

CONECTIVO, TEXTO **(TÓPICO FRASAL)** TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
 TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
 TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO. TEXTO
 TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO.
(FECHAMENTO DO ARGUMENTO) TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
 TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
 TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO.

CONECTIVO, TEXTO **(RETOMADA DA TESE)** TEXTO TEXTO TEXTO
 TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO.
(PROPOSTA DE INTERVENÇÃO) TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
 TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO
 TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO TEXTO.

Diante desse “esqueleto”, ainda que a competência 2 e 3 indique ao/a estudante a possibilidade de movimentar o seu conhecimento e organizá-lo em defesa de um ponto de vista através dos seus argumentos, sobra pouco espaço para isso diante das outras, que solicitam a execução estrutural com maior rigidez. Desse modo, a redação perde a possibilidade de ser um momento experimental da linguagem textual.

Ademais, há uma tendência dos/as candidatos/as utilizarem citações diretas de autores consagrados para embasar um ponto de vista, o que pode ser visto como uma forma de dialogar com outras vozes e demonstrar conhecimento de outras áreas. No entanto, também observo que nem sempre essas citações são bem articuladas com o tema proposto ou com a tese defendida pelo/a autor/a da redação, pois entende-se que a colocação dessas citações estão sujeitas a uma hierarquização porque é possível que imaginem que uma experiência pessoal seja menor que o uso da fala de uma autoridade em determinado assunto, desse modo, a simples presença de citações pode ser entendida como mais eficiente, mesmo que mal relacionadas. O que é um equívoco, pois essa vivência pode ter a mesma importância de uma análise especialista. Tal uso pode conferir um tom mais informal e subjetivo ao texto, mas que também pode fugir do propósito de uma dissertação-argumentativa, cujo embasamento em dados comprovados tem maior incentivo, pois diminuem a possibilidade de penalização caso o relato pessoal não seja aceito como fundamentação de uma opinião.

A relação entre redações “ruins” e boas, diz respeito ao acesso de conhecimento que o/a candidato/a tem diante do seu contexto. Não são todas as vezes, mas a maioria das redações que corrijo, as de escolas particulares estão localizadas entre as maiores notas. Alunos das escolas particulares têm acesso a uma formação mais diversificada e atualizada, que aborda temas relevantes que não são os mesmos abordados em escolas públicas.

Esses temas são frequentemente cobrados nas propostas de redação do Enem, que exigem dos candidatos uma visão crítica e reflexiva sobre questões como cidadania, direitos humanos, meio ambiente, saúde, cultura, entre outras. Uma das competências avaliadas na prova de redação do Enem é a capacidade de argumentar com base em diferentes perspectivas sobre um tema de relevância social. Nesse sentido, percebo que a seleção dos argumentos e como são relacionadas sob as exigências da redação no modelo ENEM dependem do poder de acesso ao conhecimento que esses estudantes têm.

Se uma experiência se dá a partir do equilíbrio entre trabalho e escola, cujas aulas de redação são inexistentes ou sem uma biblioteca, cujo incentivo a visitá-la não ocorre ou, no pior dos casos, nem sua existência física é presente não é justo avaliar alunos/as com essa realidade a partir de critérios que não levam em consideração relações como essa. De que modo um repertório pode ser embasado a partir do não conhecimento estrutural, como do exemplo da página 22, se não existe nem a possibilidade de apresentação desses conhecimentos a estudantes nessa realidade? De que modo os livros podem ser usados como repertório se não existe uma biblioteca presente nesse cotidiano?

Pode-se imaginar que por meio da internet esse problema é facilmente resolvido, mas teríamos que esquecer a desigualdade do acesso a esse meio de informação e entretenimento no Brasil. Esse é um problema que afeta milhões de brasileiros, especialmente, os estudantes da rede pública de ensino. Segundo dados do IBGE, “quase todos os estudantes de escolas particulares tinham acesso à internet (98,4%). Já no ensino público, eram 83,7%. Essa diferença é ainda mais marcante entre as grandes regiões do país. No Norte e Nordeste, o percentual de estudantes da rede pública que utilizaram a internet foi de 68,4% e 77,0%, respectivamente. Nas demais regiões esse percentual variou de 88,6% a 91,3%. Já na rede de ensino privada, o percentual de uso

da internet ficou acima de 95,0% em todas as grandes regiões, alcançando praticamente a totalidade dos estudantes no Sul, Sudeste e Centro-Oeste”. Essa disparidade revela o efeito da desigualdade social e econômica na inclusão digital dos brasileiros.

Para estudantes que vivem nessa situação há um acesso limitado aos modos de informação disponibilizados pelo estado nas escolas e pelas empresas privadas de internet. Diante disso, as exigências da redação modelo Enem pressionam estudantes a terem um bom desempenho mesmo diante das desigualdades educacionais do país. Essas dificuldades podem gerar ansiedade e depressão nos estudantes, que se sentem despreparados, desmotivados e desvalorizados. “Entre os diversos fatores que podem causar a depressão em adolescentes está a preparação para o Vestibular e Enem, a pressão em conseguir uma ótima pontuação e, assim, ter a tão sonhada vaga na universidade pública. Afinal, você se dedicou para isso e espera ter uma recompensa. Segundo o mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Fernando Elias José, a depressão em adolescentes costuma passar despercebida pela maioria das famílias” (Dutra, 2019). Além disso, o Enem pode simbolizar um dos meios para a ascensão social, algo que eleva a pressão sobre estudantes de baixa renda do país.

O vestibular é mais que um exame. Enquanto está no colégio, o aluno até pode ir mal numa prova, pois o que conta é sua média anual. Com o vestibular, não. Quem for mal sabe que só terá outra chance dali a um ano. Como se não bastasse, o teste resume os conhecimentos de uma vida de estudo num único dia. Ou seja, os oito anos do primeiro grau e os três do segundo grau são aferidos num domingo, e qualquer dor de cabeça ou indisposição estomacal pode destroçar o desempenho. Só avança para a segunda fase das provas, a dos exames escritos, quem ultrapassa a barreira dos testes de múltipla escolha. É um tipo de avaliação perversa em que a agilidade pode contar mais que o conhecimento. Um candidato que conhece todas as respostas, mas precisaria de quinze minutos a mais do que o tempo regulamentar para assinalá-las, arrisca-se a perder a vaga para alguém com menos conhecimento, mas capaz de entender-se melhor com o relógio. [...] O problema adquire contornos mais carregados quando se examina o papel da faculdade na expectativa profissional dos jovens. No início do século, universidade, no Brasil, era um luxo da elite. Em 1960, somente 1% da população possuía curso superior. Com a industrialização do país, esse perfil mudou. “A faculdade, hoje, é a tábua de salvação das famílias de classe média, que não conseguem acumular bens e precisam recompor seu patrimônio a cada geração”, explica a socióloga Gisela Taschner, da Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo. [...] “A universidade é valorizada porque, no mundo de hoje, o capital do cidadão médio é sua escolaridade”, completa Gisela. Assim, para as famílias que se equilibram com dificuldade entre a prestação da e a possibilidade de trocar de carro no final do ano, a faculdade dos filhos é o único patrimônio que se pode deixar. E para os filhos

das famílias humildes, o diploma é uma das poucas esperanças de ascensão social. (Ferreira e Pellegrine, 1999, p. 186).

Em 2017, enquanto vestibulando com um histórico defasado do ensino público do interior do estado do Pará, me dedicar a escrita de redações modelo Enem em preparação para o exame me levou a fazer parte dessa estatística, com depressão leve e pensamentos suicidas. Após minha entrada no Ensino Superior, felizmente, surgiu o sentimento de alívio e, simultaneamente, medo, pois estava diante de um novo desafio. Nesse novo contexto, o primeiro contato com o ensaio teve quase a mesma dimensão dificultosa, sobretudo, pela novidade em adequar o texto às regras ABNT.

Entretendo, percebi, também, que o conceito ensaístico proporcionava maior liberdade de escrita criativa e de experimentação científica. O contato, ao longo do curso, com a história desse modelo textual fez com que meu interesse aumentasse, principalmente, sobre suas características de equilíbrio entre literatura e ciência. Desse modo, ficou mais prazeroso e instigante escrever e ler ensaios. Com essa bagagem e diante do meu trabalho como corretor, passei a imaginar que as redações poderiam conferir esses mesmos sentimentos para muitos vestibulandos e vestibulandas, pois, conceitualmente, esses dois modelos textuais compartilham de uma mesma essência. Ora, não há nada mais ensaístico do que a vida de estudante, um percurso de tateamento do conhecimento, uma passagem experimental nas variadas áreas do saber. Nesse sentido, em nada se diferem a redação e o ensaio.

4 Conclusão

O que impede configurarmos a redação como ensaio é, sobretudo, a sua finalidade meritocrática e mercadológica, uma falsa construção social que visa formar uma “cortina de fumaça” para os que sempre se beneficiaram do poder que a linguagem pode conferir aos que detêm as estruturas de acesso ao ensino no Brasil, assim, estabelecendo uma falsa sensação de acesso democrático à produção de conhecimento em nome da dominação de classes.

Somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, tem acesso a uma variedade “cultura” ou “padrão”, considerando geralmente “a língua”, e associada tipicamente a conteúdos de prestígio. A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um “corpus” definido de valores, fixados na tradição escrita. Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais (Gnerre, 1991, p. 6).

Nesse prisma, o contexto histórico do ensaio no país evidencia que quanto mais um texto se aproxima da ideia de liberdade do pensamento, menor será sua circulação. Não como resultado de um plano maquiavélico feito em uma reunião anual da elite para discutir a manutenção desse ditame, mas através do descaso e desinteresse na revisão dos aspectos classificatórios genéticos da redação no Exame Nacional do Ensino Médio. Diante disso, as exigências presentes na redação modelo Enem são, na verdade, formas que limitam a dimensão ensaística desse texto, cuja circulação chega a milhões de brasileiros possibilitando a entrada num espaço restrito, o ensino superior.

Portanto, a reformulação conceitual e dos critérios de avaliação da redação padrão Enem diante desse cenário complexo não significaria a resolução de todos os problemas que circundam esses dois modelos textuais, porém, incentivaria não só o maior conhecimento e circulação das características ensaísticas da redação, como também, a provável diminuição da pressão em pelo menos uma parte da prova. Logo, a relação dos candidatos e candidatas com a escrita e leitura da redação nesse processo poderia mudar drasticamente.

5 Referências bibliográficas

AIRA, César. O ensaio e o seu tema. In: Paulo Roberto Pires (org.). *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, [2017] 2018.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. In: Paulo Roberto Pires (org.). *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, [1947] 2018.

DUTRA, Thaís. Depressão pré-vestibular e Enem: como enfrentar. 2019. <<https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/orientacao-vocacional/depressao-pre-vestibular-enem.htm>>. Acesso em 9 de julho de 2023.

EULALIO, Alexandre. O ensaio literário no Brasil. In: Paulo Roberto Pires (org.). *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, [1963] 2018.

FERREIRA, Marina.; PELLEGRINI, Tânia. (org.). *Redação palavra e arte*. São Paulo: Editora Atual, 1999.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem escrita e Poder*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIMA, Mônica. *Venho de Angola, Camará*. In: Luciano Figueiredo (org.). *Raízes Africanas*. Rio de Janeiro: Editora Sabin, 2009.

OZICK, Cynthia. Retrato do ensaio como corpo de mulher. In: Paulo Roberto Pires (org.). *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, [2000] 2018.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? In: Paulo Roberto Pires (org.). *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, [1982] 2018.

SULLIVAM, John Jeremiah. *Essai, essay, ensaio*. In: Paulo Roberto Pires (org.). *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, [2014] 2018.